

TURISTA

Meu amigo está contente: neste verão estreou sua casa de campo. Vou visitá-la. É bonita, sinto-me bem na grande sala cheia de luz, e a paisagem é bela. Mas começo a reparar numas coisas — e vejo que esse arquiteto moderno ainda não entende a arquitetura moderna. Ou ainda está empolgado pelo que é apenas "modernista".

Fazendo arquitetura "funcional" ele se esquece de que a primeira função de uma casa é ser "o asilo inviolável do cidadão". As portas e janelas são apenas de vidro: qualquer sujeito estranho pode entrar na casa mediante pedrada ou pontapé. A cobertura dessa casa térrea é uma lage supostamente isolante; acaso ele não conhece essa grande invenção que é o telhado, não conhece as boas telhas com o seu vão, e os beirais por onde a água da chuva corre?

E há na casa alguma coisa de seco, de árido, que seu dono parece sentir. "Quando as árvores crescerem ficará melhor" — diz ele. E tem toda razão. Mas não peça a esse arquiteto para fazer a arborização: ele, pelo estilo, colocaria apenas cactos e ficus recortados em cubos, esferas, cilindros.

Conselho: quando você quiser fazer uma casa, prefira um arquiteto moderno, mas tome cuidado para não cair nas mãos de um "modernista". O melhor é você pedir para ver outra casa que ele já fez — e conversar com a dona, depois com a empregada, depois com o dono.

A casa de meu amigo não deixa de ser boa. Mas eu não gostaria de morar numa casa que pode ser invadida de madrugada por qualquer bode de mau humor.

Têrça-feira de Carnaval, visito essa antiga e bela casa da fazenda da Samambaia, onde o melhor conforto de hoje se juntou à mais nobre solidez e amplitude das moradas antigas. À noite vou ao baile de Quitandinha, um baile imenso, esplêndido de música, luzes, mulheres, vibração. Pela manhã de quarta-feira desço no carro de um amigo. Na Avenida Brasil, à altura do Braz de Pina, sentimos um mau cheiro horrível.

A beira da estrada, diante das casinhas imundas dessa favela tristíssima, plantada na lama, há montes de lixo. Os urubus pulam, bicando podridões. E no meio dessa porcaria e desse mau cheiro, há mulheres e crianças miseráveis catando coisas no lixo.

Olhamos um instante — e sufocados, nauseados, envergonhados, fugimos em disparada. O que é fácil, quando se está a bordo de um Cadillac.

Mas talvez não seja uma solução social completa.

Queremos organizar o turismo no Brasil? Mas então precisamos esconder o Brasil, esconder o Brasil bem nos fundos do Brasil, para que o turista não veja essa imensa realidade triste, nauseante, agônica: o Brasil...

20/2/53

R. B.

239